

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O USO DE TRAVA-LÍNGUAS NAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO - Sabrina Pereira Soares (Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru); **1-** Formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

Um dos momentos mais esperados e mais importantes na formação de um futuro educador é o momento do estágio em sala de aula. O estágio supervisionado é importante não só porque o graduando irá “colocar a mão na massa”, mas também porque é quando se torna claro ao futuro professor o quanto teoria e prática são indissociáveis. Esse é um momento de grande envolvimento com a realidade, de modo intencional. Durante a realização do estágio curricular supervisionado foi realizado um plano de intervenção em uma escola Municipal de Ensino Fundamental da cidade de Bauru com o uso de trava-línguas. A atividade proposta para os anos iniciais foi desenvolvida durante o recreio dos alunos e foi fundamental tanto para a formação para a docência como também para o maior envolvimento com a realidade da escola. Ao final do estágio, pude compreender o quanto é importante valorizar as confusões cognitivas e saber ouvir a contribuição de professores e coordenação pedagógica durante a realização do estágio supervisionado. Além disso, pude identificar a importância das atividades realizadas de forma intencional em minha formação.

Palavras – chave: estágio supervisionado, ensino fundamental, formação inicial.

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA COM O USO DE TRAVA-LÍNGUAS NAS ATIVIDADES DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

Sabrina Pereira Soares

spereirasoares@yahoo.com.br; Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru

1- Formação inicial e continuada de professores para a educação básica.

INTRODUÇÃO

Um dos momentos mais esperados na formação de um futuro educador é o momento do estágio em sala de aula. O estágio supervisionado é importante não só porque o graduando irá “colocar a mão na massa”, mas também porque é quando se torna claro ao futuro professor o quanto teoria e prática são indissociáveis. Muitas vezes, durante o estágio, o pedagogo em formação tem seu primeiro contato com uma criança e consegue visualizar toda a teoria sobre estágios do desenvolvimento motor, níveis de linguagem, alfabetização, aspectos cognitivos e de comportamento e organização de sala de aula que estudou durante os anos anteriores.

De acordo com Barros e Silva:

O contexto relacional entre prática-teoria-prática apresenta relevância na formação do professor, visto que promove a compreensão do conceito de unidade, isto é, a relação necessária entre teoria e prática e não apenas sua justaposição ou dissociação. Além de que, o conhecimento da realidade escolar favorece reflexões sobre a prática do estagiário, possibilitando o desenvolvimento de prática criativa e transformadora pela aplicação de teorias que sustentam o trabalho do professor. Assim, a sua práxis educativa concretiza-se mediante a aplicação de metodologias de ensino, planejamento e verificação da aprendizagem em um processo de ação-reflexão-ação, revela a educação como prática questionadora, que tem como base os seguintes aspectos: a intencionalidade, a natureza social, a necessária ação conjunta, e a sua realização como trabalho humano. Nesse sentido, o estágio supervisionado proporciona a construção de atitudes críticas e reflexivas a respeito do processo de ensino e aprendizagem, proporcionando a construção de atitudes e concepções questionadoras e transformadoras referentes ao ensino

....

A interação que deve existir entre teoria-prática é de grande importância na formação do professor, pois essa interação possibilitará que haja uma melhor interpretação dos conceitos, ou seja, a aula teórica junto com a aula prática facilitará um melhor entendimento dos conteúdos aplicados na sala de aula. (BARROS & SILVA, 2010, p.28-29)

Como determinado pelas Diretrizes Nacionais para a Formação de Professores e regulamentado pelo Conselho de Curso de Pedagogia, da Faculdade de Ciências, UNESP/Bauru, o Estágio Curricular Supervisionado (ECS) é dividido do seguinte modo:

- Na educação infantil: Disciplina semestral, no 3º ano, 5º termo, com total de 102 horas;
- Nos anos iniciais do ensino fundamental: Disciplina semestral, no 3º ano, 6º termo, com total de 102 horas;
- Na gestão educacional: Disciplina semestral, no 4º ano, 7º termo, com total de 102 horas.

O estágio curricular supervisionado nos anos iniciais do curso de licenciatura em Pedagogia tem como objetivo geral promover estudos teórico-práticos relacionados ao trabalho docente com o objetivo de desenvolver saberes, competências e habilidades de natureza técnica, interpessoal, organizacional e política, visando ao futuro professor a transposição do conhecimento científico em saber escolar.

Durante o segundo semestre de 2011 foi realizado o estágio nos anos iniciais de uma escola municipal. A partir do contato com a escola e da interação estabelecida com seus gestores foi planejado e desenvolvido um projeto de intervenção voltado para o atendimento de demandas evidenciadas pela escola. Esse momento foi de grande importância para minha formação já que permitiu uma aproximação com o universo de trabalho onde atuarei depois do término do curso, possibilitando não apenas a realização de uma atividade prática (visão bastante tradicional do estágio), mas uma reflexão sobre o percurso realizado no sentido defendido por Pimenta e Lima (p. 45, 2004):

Pimenta e Gonçalves (1990) consideram que a finalidade do estágio é propiciar ao aluno uma aproximação à realidade na qual atuará. Assim, o estágio se afasta da compreensão até então corrente, de que seria a parte prática do curso. As autoras defendem uma nova postura, uma redefinição do estágio, que deve caminhar para a reflexão, a partir da realidade.

Esse conceito provoca, entretanto, algumas indagações: o que se entende por realidade? Que realidade é essa? Qual o sentido dessa aproximação? O aproximar-se seria uma observação minuciosa ou a distância? A aproximação à realidade só tem sentido quando tem conotação de envolvimento, de intencionalidade, pois a maioria dos estágios burocratizados, carregados de fichas de observação, é míope, o que aponta para a necessidade de um aprofundamento conceitual do estágio e das atividades que nele se realizam.

Baseado nessas indagações, esse artigo tem por objetivo demonstrar como o estágio supervisionado pode ter a conotação de envolvimento e intencionalidade destacada pelas autoras citadas, superando a visão fragmentada e superficial das atividades meramente burocráticas.

A PRÁTICA

Durante as horas de observações do estágio curricular obrigatório, em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, da cidade de Bauru, foi constatado que o chamado recreio dirigido consistia apenas na presença de uma professora que ficava no pátio olhando os alunos para que eles não brigassem. Logo que entrei em contato com essa situação surgiu o questionamento do que poderia ser feito para melhorar o recreio dos alunos e auxiliar as professoras, através do projeto de intervenção pedagógica. Coincidiu que, durante o estágio, estava cursando a disciplina “Alfabetização nos anos iniciais”, e, durante as discussões realizadas na mesma refletimos sobre a importância da utilização de textos de diferentes gêneros textuais no processo de alfabetização. Foi a partir desses dois elementos que foi então pensado um plano de intervenção que consistia numa competição de trava-línguas entre os alunos, pois seria uma forma divertida de auxiliar as professoras que trabalhavam com alfabetização e também contribuir no desenvolvimento da oralidade dos alunos, de todas as faixas etárias.

Documentos oficiais tais como “Pró-letramento” e “Ler e Escrever” sugerem como uma das atividades permanentes, ou seja, atividades realizadas todos os dias, a leitura de trava-línguas:

Para que seus alunos possam ampliar o conhecimento lingüístico sobre uma variedade de gêneros textuais, aprender a ler com diferentes propósitos e, assim, construir procedimentos de leitura variados, bem como adquirir um repertório de textos e autores, sugerimos que [...] você considere as dicas a seguir:

[...]

LEIA COM ELES, EM VOZ ALTA, TODOS OS DIAS...

Parlendas, quadrinhas, trava-línguas, cantigas, poemas, adivinhas e outros textos memorizáveis. Os textos podem estar num cartaz no mural, em um papel, com cópia para cada aluno, ou mesmo escritos na lousa. (SÃO PAULO, p.39, 2008)

O trava-língua pode ser utilizado tanto para estimular a linguagem oral como a linguagem escrita. Na escrita, uma das maneiras de introduzir o reconhecimento de

unidades fonológicas, tais como sílabas, rimas e terminações de palavras é o uso das parlendas e dos trava-línguas, como destacado pelo material do Pró-letramento:

Uma maneira de introduzir essa questão é focalizar as unidades fonológicas com as quais os alunos já são capazes de lidar antes mesmo de entrar para a escola. São segmentos sonoros como as sílabas, começos ou finais de palavras e rimas. Muitas atividades podem explorar essas unidades. É possível brincar com a posição desses segmentos nas palavras, por exemplo, formando listas de palavras que comecem, ou que terminem, com determinada sílaba. Há diversas brincadeiras infantis que também permitem essa exploração. Por exemplo, cantigas de roda como “Atirei o pau no gato”; jogos de salão como “Lá vai a barquinha carregadinha de” palavras começadas com [ca], terminadas com [ão], etc.), a língua do pê, os trava-línguas. Trazendo essa produção cultural para a sala de aula, podem-se criar situações lúdicas que levarão os alunos a operar deliberadamente com sílabas, rimas, aliterações, assonâncias, etc (BRASIL, p. 27-28, 2008)

Baseado nessas questões, um plano de intervenção foi elaborado, entregue e discutido sua viabilidade com a coordenadora da escola, para depois ser aplicado durante o intervalo. Os objetivos desse plano de intervenção foram:

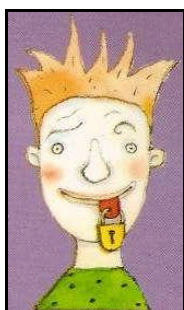
1. Proporcionar uma atividade lúdica durante o recreio/intervalo;
2. Desenvolver a linguagem oral dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental;
3. Contribuir com o processo de alfabetização ocorrido em sala de aula;
4. Estimular a leitura de alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Para iniciar o projeto, confeccionou-se um cartaz no qual foram colados os trava-línguas utilizados (Figura 1). A estagiária foi de sala em sala explicando que a partir daquele dia estaria no pátio para brincar com os alunos de trava-língua e que ao final da semana aconteceria uma competição: cada competidor teria que falar o trava-língua de três maneiras – devagar, rápido e muito rápido – e que para cada fase, existiria uma medalha (Figura 2). Ou seja, todos ganhariam, só precisavam participar.

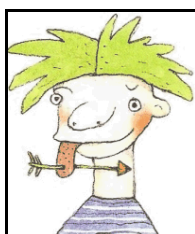
O primeiro trava-língua escolhido foi “Pedro tropeça na pedra preta da poça na praça”. Todos os trava-línguas utilizados foram retirados do livro “Travadinhas”, de Eva Furnari. Nos dias seguintes, a cada recreio, no máximo vinte crianças brincavam com a estagiária de trava-língua. Foram confeccionadas as medalhas baseando nesse número. As medalhas eram redondas e com cordão de fitilho para pôr no pescoço.



Figura 1: Cartaz com trava-língua



(a)



(b)



(c)

Figura 2: Medalhas da competição de trava-línguas: **(a)** para quem consegue falar devagar o trava-língua; **(b)** para quem consegue falar rápido o trava-língua; **(c)** para quem consegue falar muito rápido o trava-língua;

O RESULTADO

As competições com trava-língua foram realizadas durante quatro semanas, sendo que uma semana era de “treino” e a outra semana de competição.

Durante a primeira semana de treino do trava-língua poucas crianças brincaram, no máximo vinte, sendo que nos recreios são cerca de cem crianças. Após essa semana chegou o dia da competição. Qual foi a surpresa quando a maioria dos alunos se enfileirou para participar. Ou seja, mesmo quem não tinha brincado durante a semana, queria participar da atividade e ganhar a medalha. O resultado foi uma confusão. O tempo do recreio terminou, muitos alunos não participaram, mas queriam a medalha. Avançaram para cima das medalhas, que se enroscaram e não foi possível soltar nenhuma. Além disso, por ficarem na fila, muitos não comeram a merenda, não foram ao

banheiro e não beberam água. O único recreio que deu certo foi o último, pois só tinha duas turmas, enquanto os outros dois recreios contam com três turmas.

Para a aluna estagiária essa foi uma experiência importante, pois demonstrou o quanto é necessário planejar não só a aula ou a atividade pensada, mas uma segunda atividade, se necessária. Além disso, após a atividade não ter dado certo, a estagiária ouviu das professoras, que possuem no mínimo cinco anos de docência, que realmente a atividade não daria certo por vários motivos, sendo o principal motivo a quantidade de alunos. Assim, a situação vivenciada gerou reflexões e a construção de novas formas de agir, no sentido proposto por Mizukami et al (2002):

No cotidiano da sala de aula o professor defronta-se com múltiplas situações divergentes, com as quais não aprende a lidar durante seu curso de formação. Essas situações estão além dos referenciais teóricos e técnicos e por isso o professor não consegue apoio direto nos conhecimentos adquiridos no curso de formação para lidar com elas.

Isso gera uma forma de reflexão na qual o professor, com seus valores globais (éticos, políticos, religiosos etc.), constrói novas formas de agir, na realidade da sala de aula, as quais ultrapassam o modelo da racionalidade técnica que falha ao desconsiderar a complexidade dos fenômenos educativos. (MIZUKAMI et al, 2002, p.14).

Esse “fracasso” inicial fez com que a aluna estagiária repensasse o modo de conduzir a atividade, sua postura frente os alunos, sua postura frente às professoras com mais experiência e à coordenação pedagógica. Após ouvir o que as professoras e a coordenadora tinham a dizer, uma nova estratégia para os recreios dirigidos foi traçada.

Após o término de todos os recreios (a escola dividiu as turmas em três horários diferentes, devido ao grande número de alunos), foi avisado em cada sala que as medalhas tinham acabado, mas que haveria outros dias de competição, sendo um dia para cada turma.

Na semana seguinte, o trava-língua foi “Vovó Vivi é fofinha e vovô Fúlvio é fofão”. Para essa competição, as turmas foram separadas do seguinte modo (Quadro 1):

DATA	TURMA
09 de novembro, terça-feira	1º A e 1º B
	3º A, 3º B e 3º C
	5º A e 5º B
12 de novembro, sexta-feira	2º A, 2º B e 2º C
	4º A, 4º B e 4º C
	5º C e 5º D

Quadro 1: Divisão das turmas para participarem do desafio de trava-língua da semana de 09 a 12 de novembro de 2010. Cada cor corresponde a um recreio.

O quadro foi impresso e colado no pátio, abaixo do cartaz do trava-língua. Além de dividir as turmas, as medalhas não eram mais redondas, e sim quadradas, e não tinham o fitilho, eram coladas com fita dupla face, pois o fitilho no pescoço poderia machucar, de acordo com as professoras da escola, e também porque ficava mais fácil e rápido confeccionar as medalhas sem o fitilho.

Desse modo, a atividade aconteceu de modo mais organizado. Todos que quiseram participar puderam competir. Na semana seguinte, o trava-língua foi mais difícil, pois para os alunos do 5º ano os anteriores estavam fáceis. O trava-língua foi “A libélula psicodélica é fanática pela gramática da cutícula”. A palavra psicodélica causou estranheza, nem tanto pelo seu significado, mas sim pelo seu som. Muitas vezes os alunos liam “psicótica” ao invés de “psicodélica”.

Depois de uma semana, aconteceu a competição. Porém, a ordem das turmas foi contrária ao quadro anterior, ou seja, quem participou na terça-feira, dessa vez participou na sexta-feira e vive-versa (Quadro 2).

DATA	TURMA
23 de novembro, terça-feira	2º A, 2º B e 2º C
	4º A, 4º B e 4º C
	5º C e 5º D
26 de novembro, sexta-feira	1º A e 1º B
	3º A, 3º B e 3º C
	5º A e 5º B

Quadro 2: Divisão das turmas para participarem do desafio de trava-língua da semana de 23 a 26 de novembro de 2010. Cada cor corresponde a um recreio.

Com os acertos sugeridos pelas professoras e coordenação, o plano de intervenção foi um sucesso. Os alunos gostaram do trava-língua e participaram das competições. O mais interessante é que muitos não queriam tentar ou achavam que não precisavam treinar durante a semana. Após a primeira competição, essas idéias mudaram. Os alunos perceberam que não é tão difícil falar um trava-língua, mas que isso exigia treino e atenção.

Além disso, com essa intervenção, a estagiária pode compreender o quanto o planejamento é fundamental, pois, mesmo com ele, podem acontecer imprevistos, e o quanto é imprescindível manter o diálogo com a coordenação e outros professores que fazem parte da realidade escolar. Outro ponto relevante para a formação da futura

educadora foi verificar o quanto a escola pode influenciar na relação do aluno com sua família, pois os alunos conversavam em casa, desafiando os pais e os pais desafiando-os, o que gerou novos trava-línguas para desafiar a própria estagiária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do objetivo do plano de intervenção ser trabalhar leitura e oralidade dos alunos, a maior beneficiada na realização da atividade foi a estagiária, pois além de se ver frente a uma situação inesperada, pode fazer a relação entre a teoria e prática, principalmente em relação às disciplinas de alfabetização.

Com essa experiência, a aluna estagiária pode perceber que:

Um professor reflexivo tem o dever de dar valor à confusão cognitiva do aluno e a sua própria confusão. Ele deve ser capaz de aprender com seus próprios erros sem se constranger. O sucesso do professor dependerá de sua capacidade de manejar essa complexidade e resolver problemas práticos, integrando com criatividade o conhecimento técnico. (MIZUKAMI et al, 2002, p.17).

Graças a essa valorização de sua confusão cognitiva, a aluna estagiária pode reformular o plano de intervenção, fazendo com que a atividade fosse aprovada por todos os envolvidos, fato esse comprovado pelo pedido feito pela coordenadora de que o trava-língua continuasse até o final do ano, mesmo com o fim das horas de estágio obrigatórias.

REFERÊNCIAS

BARROS, José Deomar de Souza; SILVA, Maria de Fátima Pereira da. O estágio supervisionado e a prática docente. **Revista Educação**, v.5, n. 1, 2010.

BRASIL. **Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental:** alfabetização e linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

FURNARI, Eva. **Travadinhas**. São Paulo: Moderna, 2009.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti, et al. **Escola e aprendizagem da docência:** processos de investigação e formação. São Carlos: EdUFSCar, 2002.

PIMENTA, Selma Garrido; GONÇALVES, Carlos Luiz. **Revendo o Ensino de 2 Grau:** Propondo a Formação de Professores. Coleção Magistério – 2 Grau. Editora Cortez, 1990

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência.** São Paulo: Cortez, 2004

SÃO PAULO. SECRETARIA DA EDUCAÇÃO. **Ler e escrever: guia de planejamento e orientações didáticas.** São Paulo: FDE, 2008.